

Abdelmalek Sayad

o desenraizamento feito lucidez

Abdelmalek Sayad esteve no Brasil em 1991 e em 1994; seus seminários para pesquisadores e estudantes de pós-graduação da UFRJ (PPGAS do Museu Nacional e do IFCS) versaram sobre o itinerário objetivo e a vivência mais recôndita de processos seculares: o colonialismo francês no norte da África, a emigração de camponeses da Cabilia desde o início do século atual, a guerra de independência nos anos 50-60, a imigração de argelinos transformada em questão nacional da política francesa, a favela e os conjuntos habitacionais (as famosas 'cités' parisienses retratadas no filme 'La haine'), como lugares de destino e universo de reelaboração do espaço citadino e do mundo subjetivo de imigrantes. As gravações destas palestras são testemunhas de seu entusiasmo em discutir sua obra, de sua abertura em discutir toda sua vida, quase sempre por mais de cinco horas seguidas...

Fez trabalho de campo junto com antropólogos do Museu Nacional para aprofundar o diálogo sobre teoria e método onde ganham corpo, inteligibilidade e sabor; participou de pesquisas em andamento: na Zona da Mata de Pernambuco, na favela da Rocinha, nos loteamentos clandestinos de Nova Iguaçu e junto ao operariado do ABC paulista. Fez conferências em São Paulo, fez questão de conhecer o barroco de Ouro Preto e o rastro da escravidão. Encarnava a postura reflexiva que acreditava justa para as ciências sociais: a boa análise sociológica é também um grande exercício de auto-análise. Portador de doenças graves, que lhe obrigavam a hospitalizações frequentes e lhe ceifaram a vida cedo demais (em 1998), prezava como ninguém os prazeres da comunhão com amigos em companhia de Rebecca, sua esposa; por sorte nossa, a caipirinha bem doce, o feijão com arroz, não estavam sujeitos às restrições das dietas magras em cereais a que estava obrigado tanto em sua terra natal - a Argélia - quanto na França. Sentiu-se no Brasil como numa nova casa sua, algo como um lugar geométrico entre a Argélia e a França, onde a modernidade opulenta contrasta com o caráter maciço da pobreza e desemboca em violência desenfreada. Verbalizou por repetidas vezes que era como se sentisse longe e perto, à boa distância para pensar, desses dois mundos próximos e antagônicos, que lhe aguçava a razão e destravava a consciência da dor de estar submetido a todas as urgências. Contra o racismo de uns, o integrismo de outros, a fuga diante do inevitável, usava sempre como antídoto a busca constante da compreensão das condições que engendraram o sofrimento, exibindo uma lucidez dura e cortante como fio de navalha.

Abdelmalek Sayad nasceu em um povoado de camponeses da região montanhosa da Cabilia em 1933, entre as duas guerras mundiais; único filho homem de família modesta cujo pai havia sido escolarizado, assim como dois de seus tios, foi matriculado na escola francesa em 1941, durante a Segunda Guerra. Como explicou, a obstinação de seu pai lhe fez titular de grande privilégio: teve a oportunidade de estudar em escola que abria as portas para o sistema secundário e superior na França, não ficando condenado às fronteiras das escolas destinadas apenas às populações nativas. Para prosseguir os estudos secundários teve que viver em casas de familiares e amigos de cidade próxima de seu povoado de origem, pôde concluir este ciclo em liceu da periferia de Argel quando seu pai para lá se mudou. Findo o secundário, fez curso para a Escola Normal em Argel, estabelecimento prestigioso do ensino superior francês encarregado da formação de professores

primários, onde os alunos dispunham de bolsas e de alojamentos especiais durante os estudos. Ingressou, assim, em estabelecimento de elite que só admitia recrutar 10% de seus efetivos entre os descendentes de população nativa. Após a formatura, ensinou em Argel e em locais conhecidos por serem sedes de comandos da Frente de Libertação da Argélia (FNL). Sua trajetória apresenta, portanto, as marcas daqueles a quem o sistema de ensino, associado a um forte investimento pessoal, em todas as acepções deste termo, proporciona os instrumentos de mobilidade ascendente no espaço social; mas como nada os destinava a ocupar as posições efetivamente conquistadas, a postura reflexiva constitui, nestes casos, tanto um meio de objetivar para tornar conhecido o universo de chegada quanto um instrumento de sócio-análise.

Entrou mais tarde, em 1958, para a Universidade onde realizou estudos de Psicologia e, posteriormente, de Filosofia. Em aula sobre Kant, conheceu Pierre Bourdieu, que fora trabalhar na Universidade de Argel após estudos na Escola Normal Superior de Paris; Bourdieu prestava então seu serviço militar e com outros especialistas do INSEE - o IBGE francês - criaram na Argélia um dispositivo de levantamentos estatísticos que equiparou o sistema local ao que passava a existir em Paris. Estes trabalhos reuniram pesquisadores e estudantes franceses e argelinos e cristalizaram uma rede, a AARDES - Associação Argelina para a pesquisa demográfica, econômica e social - que permitiu a realização dos estudos materializados em *Travail et travailleurs en Algérie*. Assim, entre 1959 e 1962, estreitou-se a parceria e a amizade entre Abdelmalek Sayad e Pierre Bourdieu, que publicaram em conjunto, em 1964, *Le Déracinement*, uma análise excepcional do processo de expropriação do campesinato argelino de suas condições de existência, através da política militar de reagrupamento em campos de concentração, e dos fundamentos da desigual capacidade das famílias e dos indivíduos de se apropriarem dos mecanismos inerentes à economia de mercado. Não se deve esquecer que não é por acaso que os trabalhos etnológicos que assentaram o prestígio de Pierre Bourdieu como antropólogo, particularmente sobre a cosmologia e o sistema de parentesco cabile, publicados em *Esquisse d'une théorie de la pratique* e no *Sens pratique*, são dedicados a A. Sayad.

Foi no prolongamento das atividades de pesquisa feitas durante a guerra de independência, e mesmo na tentativa de fazer um doutorado em história na França, que Abdelmalek Sayad emigrou a Paris e começou a trabalhar no Centro de Sociologia Européia, grupo de pesquisa em que realizou toda sua obra posterior. A princípio só dispôs de empregos precários na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), chegando apenas a 'chef de travaux'; só em 1977 ingressou como pesquisador no CNRS, onde acabou por obter o cargo de 'diretor de pesquisas'. Esta última fase foi praticamente dedicada à análise da imigração como revelador do Estado e da sociedade receptores dos imigrantes, mas também e fundamentalmente, dos dilemas e conflitos subjetivos a que está afeito todo aquele que se desloca de um universo cultural recebido por herança ao nascer para outro em que é confrontado a formas e a forças diferentes das que identifica a priori. Os trabalhos de Abdelmalek Sayad sobre os processos de emigração e de imigração - movimentos complementares que só podem parecer idênticos para quem os vê de fora e de longe sem buscar realmente entendê-los - são exemplares do estudo dos significados do 'Estado-Nação' e de 'comunidade nacional' no século XX. O livro póstumo, que acaba de ser publicado, tem título altamente significativo: "A dupla ausência. Das ilusões dos emigrantes ao sofrimento dos imigrantes". Seria de se estranhar que seus trabalhos sejam também formidáveis reveladores dos dramas individuais experimentados por aqueles que atravessam as fronteiras do estabelecido e do conhecido?

Alfrânio Garcia